



A escrita como sistema linguístico e o jogo¹ significativo: um olhar sobre a aquisição da escrita a partir da teoria do valor de Saussure

Writing as a linguistic system and the signifying operation: a look at the acquisition of writing based on Saussure's theory of value

Jomson Teixeira da Silva Filho²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo principal apresentar um questionamento da concepção de escrita como representação de um significante primeiro e natural, a fala. Para tanto, apoiamos-nos na noção de escrita advinda de Saussure no *Curso de Linguística Geral* (2003 [1916]) a partir da noção de sua Teoria do Valor. Revisitamos a relação entre o sujeito e língua(gem), especialmente no que diz respeito à aquisição do sistema linguístico da escrita da língua. Baseando-nos em autoras como Lier-De-Vitto & Andrade (2008), Mota (1995), Bosco (2005), Faria, (1997) e De Lemos (1992 e outros), pretendemos discutir sobre a possibilidade de uma perspectiva da escrita que considera o funcionamento linguístico-discursivo, o jogo significativo e suas relações vistas a partir da Teoria do Valor, para a interpretação de fenômenos que emergem da relação do sujeito com a escrita. Nesse sentido, apresentamos dados de escrita infantis, coletados de trabalhos das referidas autoras para melhor discutir tais fenômenos, inclusive aqueles que estão pautados na relação oralidade/escrita.

Palavras-chave: Aquisição da escrita; Teoria do valor; Jogo significativo; Sujeito; Linguagem.

ABSTRACT: This article's main objective is to question the concept of writing as representation of speech but considers that this is predominant in the field theoretical affixing it comes to writing especially with regard to the acquisition. Based on authors like Lier-De-Vitto & Andrade (2008), Mota (1995), Bosco (2005), Faria (1997) and De Lemos (1992 and others) than it is of course de Saussure, I intend to discuss the possibility of perspective that considers the writing operation linguistic-discursive, the significant operation and their relations seen from the theory of value found in Saussure, for the interpretation of phenomena that emerge from the subject's relation to writing. Present for both data, writing for children, collected works of these authors in order to better analyze these phenomena, including those that are graded in relation orality / writing.

Keywords: Writing Acquisition; Value theory; Significant operation; Subject; Language.

¹ Tomamos essa expressão de Lier-DeVitto e Andrade (2008).

² Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela UFAL. Professor Adjunto do Departamento de Linguística e Práticas de Ensino da Universidade de Pernambuco. Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Variação linguística, Avaliação subjetiva, Ensino de Língua Portuguesa e Teorias Linguísticas. Professor Permanente do Programa Profissional em Letras (PROFLETRAS/UPE/Garanhuns). E-mail: jomson.silva@upe.br



Introdução

Neste artigo, serão revisitadas produções de escritas infantis que servirão de base para introduzir um ponto de vista que reconhece o jogo significativo no funcionamento da linguagem que, como dizem Lier-De-Vitto e Arantes (2008, p. 55), “instaura e governa a relação da criança com a escrita”.

Faz-se necessário, desde já, trazer o que destacamos no título deste trabalho e que será por vezes aqui retomado, a saber, *o jogo significativo*. Gostaríamos de destacar que estamos assumindo uma perspectiva teórica alinhada a uma leitura de Saussure que traz à tona uma reflexão sobre o sujeito, não como uma instância excluída pelo autor, conforme a interpretação reducionista de Saussure como o fundador de uma linguística estrutural (NEUMANN e ANJOS, 2019). Ao contrário, defendemos uma noção o sujeito como aquele que a partir do sistema sincrônico, apresenta-se como o verdadeiro nicho da linguagem (SAUSSURE, 2002) em qualquer que seja sua manifestação significativa, oral ou escrita.

Para isso, fazemos uma breve retomada daqueles que consideramos estar entre os mais significativos trabalhos no campo da aquisição da escrita, especificamente sob uma perspectiva interacionista da aquisição da linguagem, seguindo a perspectiva De Lemos (1992 e seguintes), a saber, Mota (1995) com sua tese de doutoramento “O quebra cabeça: a instância da letra na aquisição da escrita”, Bosco (2005) “A errância da letra: o nome próprio na escrita da criança”, Faria (1997) em sua dissertação de mestrado “Nas letras das canções a relação oralidade-escrita” e Lier-De-Vitto e Andrade (2008) no artigo “Considerações sobre a interpretação de escritas sintomáticas de crianças”. Esses trabalhos são lidos a partir de Saussure em seu *Curso de Linguística Geral*³ (2003 [1916]).

Procuramos, aqui, questionar a noção de escrita como sendo representação da oralidade. Questionamos ainda a noção de linguagem como objeto de conhecimento acessível ao sujeito diretamente por meio da percepção e observação. Objetivamos, assim, argumentar em favor da retirada do sujeito da posição de origem, para assinalar nossa posição de entendimento do sujeito como efeito de linguagem, capturado pelo seu funcionamento, pelo jogo simbólico de significantes.⁴

Apresentamos, por fim, a análise de alguns dados retirados do “corpus” das autoras citadas dando ênfase a suas análises, mas também colocando nossa leitura e olhar sobre eles.

³ Poderemos nos referir à obra, adiante, como *Curso* ou CLG.

⁴ Essa noção será retomada em várias partes deste trabalho.



1. Da Noção de Escrita

Bosco (2005) afirma que todo trabalho que se propõe a discutir questões relacionadas à escrita acaba tratando das relações entre o oral e o escrito. A autora argumenta que a literatura, ao trazer esse tema como questão, o faz em termos de oposições, relativas àquilo que pertence à modalidade do oral e à modalidade escrita da língua, como se pode perceber nos exemplos por ela enumerados e repetidos aqui, a saber, presença de interlocutores na linguagem oral e ausência desses na linguagem escrita, ancoragem situacional do oral e afastamento da situação do escrito, fugacidade do oral e permanência do escrito, (Bosco, 2005, p. 114), ao que acrescentamos o caráter representacional da escrita em relação à oralidade.

Sobre a relação entre o oral e o escrito, percebemos que, na tradição ocidental, essa relação é pautada na assunção de que a escrita é representação da fala, da oralidade, como destacamos acima. Coloca-se então a linguagem oral em um patamar de privilégio, atribuindo à escrita um valor secundário e menos importante. Dessa forma, como bem afirmam Lier-De-Vitto e Andrade (2008), em grande parte dos estudos voltados para a escrita infantil, assume-se que

a escrita tem o estatuto de representação gráfica da pauta sonora da linguagem. A aquisição da escrita seria, então, decorrente de uma *construção conceitual da relação fonema-grafema*, que ocorreria em situação escolar. Fracassos, falhas e desvios nesse processo levam, inexoravelmente, à suposição de uma dificuldade inerente à criança – o que determina seu encaminhamento para a clínica (psicopedagógica e fonoaudiológica, predominantemente). Se o insucesso, no processo de alfabetização, é atribuído à criança, ao chegar à clínica fonoaudiológica, tal suposição ganha força ao ser encapsulada no interior do discurso organicista em que ela é circunscrita à dificuldade de ordem perceptual e/ou cognitiva. Dá suporte a esta afirmação a natureza dos aparatos diagnósticos e de reabilitação do campo da Fonoaudiologia, que são notadamente derivados de uma concepção centrada em capacidades do indivíduo. (Lier-de-Vitto e Andrade, 2008, P. 55)

Essa noção de escrita parece ter sido também assumida por Saussure no *Curso de Linguística Geral* (2005 [1916]). Como pontua Endruweit (2008, p.2), “a exclusão da escrita foi certamente um dos dramas de Saussure”. Isso se deu, ao que nos parece, devido à busca de Saussure por formalizar um objeto para a ciência Linguística, o que o obrigou a ceder ao positivismo de sua época e, assim, excluir a escrita desse objeto, relegando a ela um lugar de representação, de fotografia, de imagem. Assim, afirma Saussure (CLG, p. 34): “língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o



primeiro”.

Afirmamos que Saussure se rende ao positivismo⁵ de sua época, mesmo dele tentando escapar, uma vez que o mestre genebrino objetiva elevar a linguística ao *status* de ciência. Isso exigia que se elegeesse um objeto próprio a essa ciência que pudesse distingui-la de qualquer outra ciência conexa, exigência fundamental para que se chegasse a uma autonomia científica da linguística. Portanto, foi necessário separar o objeto da linguística daquilo que o próprio Saussure chamou de matéria da linguística, posição em que a escrita ficou estabelecida no CLG.

Retomando a afirmação de Saussure, dessa forma, entendemos que o genebrino parece ter cedido no CLG a uma concepção de escrita baseada no modelo de escritura fonética em que a escrita comparece como sendo um significante que representa outro significante primeiro e natural, a voz, a fala. Como defende Saussure, a escrita “é muito mais fácil de aprender que o liame *natural*, o único e verdadeiro, o som” (CLG, 2005 [1916], p. 35, itálico nosso). Hipotetizamos que esse fato pode ser justificado pela formação de Saussure como um neogramático, que tinha como objeto de estudo a mudança fonética dando lugar à voz, esquecida pela Gramática Comparada que buscava a comparação de formas escritas da língua.

Nesse ponto, Derrida (1973) elucida que a formalização da linguística como ciência se dá exatamente devido a sua assunção como uma ciência da palavra falada, em que o ponto de vista da sincronia é eleito como aquele que apresenta o sistema linguístico do sujeito falante. Assim diz Saussure (2003 [1996], p. 34): “o objeto linguístico não se define pela combinação da palavra escrita e da palavra falada; esta última, por si só, constitui tal objeto”.

Daí que a fonologia se apresenta como a precursora da linguística como ciência, e fazendo com que a escrita entendida como representação da manifestação oral da língua, fosse tomada a partir de seu caráter artificial. Para Saussure (2003 [1916]), então, a escrita, inicialmente, aparece como acessória à oralidade, sendo, essa sim, essencial à língua. À escrita fica relegada a função de representação da fala.

O que se percebe é que à escrita é atribuído um caráter de artificialidade e representação que inverte a ordem natural do fenômeno primeiro da língua, ou seja, a fala, a voz. A escrita, então, corrompe essa natureza, já que afeta a fala, alterando-a, fazendo-lhe mal, por usurpar-lhe o prestígio. Essa posição de Saussure no CLG, parece-nos, deve-se a resquícios

⁵ Com isso, não queremos dizer que Saussure é um positivista *stricto sensu*. Queremos antes, assinalar que Saussure carrega traços da corrente positivista do século XIX, o que pode inclusive explicar a leitura estruturalista do CLG, assim como a atribuída exclusão saussuriana do sujeito do objeto da linguística.



tradição filosófica clássica, que dava à fala um privilégio metafísico.

Há, nessa concepção, uma total aceitação à ideia de naturalidade e transparência na relação entre o que é da ordem do perceptual e o que é da ordem do linguístico. Corroborando com o que Lier-De-Vitto e Andrade (2008) chamaram de “lógica dualista da relação sujeito-linguagem”, em que o próprio Saussure (2003 [1916]) afirma que se esquece que se aprende a falar antes de se aprender a escrever, e isso acaba por inverter a relação natural. “Parece não haver espaço para a escrita na linguística inaugurada por Saussure. Felizmente, pensar assim é um engano” (Endruweit, 2008, p. 14).

A noção de escrita como representação da oralidade, como colocada acima, corrobora com a assunção de um conceito de linguagem no qual essa é diretamente transmissível e acessível, ou seja, um objeto que pode, por isso, ser naturalmente apreendido/aprendido por um indivíduo devidamente dotado de capacidades cognitivo-perceptuais.⁶

Existiria assim, de um lado, um sujeito que é dotado de capacidades que lhe permitem “apreender e segmentar o objeto” e, de outro, o objeto com propriedades e características totalmente discerníveis e disponíveis para que o sujeito dotado de capacidades possa internalizá-lo e compartimentá-lo.

Essa noção que toma o sujeito e a linguagem numa perspectiva de um para um, ou seja, sujeito-objeto, nos parece totalmente questionável, uma vez que o sujeito aqui é tomado, segundo Cláudia de Lemos (1992), como sujeito efeito de linguagem, ou seja, “do centro de captura, em que ele é confundido com faculdades biologicamente determinadas, o sujeito passa a ser capturado pela linguagem” (Andrade, 2006, p. 24), já que como nos ensina Benveniste (1976), o sujeito é constituído na e pela linguagem, de forma que não se pode falar em origem de um sem o outro. Dessa forma, assumimos haver uma relação ontológica entre o homem e a linguagem.

A partir dessa perspectiva, intentamos reivindicar outro lugar para a escrita no que diz respeito inclusive à relação que essa estabelece com a oralidade. Pretendemos fugir da noção de escrita como representação da fala, da relação dual oral/escrito, da relação de hierarquia entre a escrita e a voz, por considerar a língua como um sistema que funciona através de suas relações/manifestações linguísticas. Entendemos que é preciso revisitar Saussure (2003 [1916]) a partir de sua assunção de língua enquanto forma, já que se língua é forma, a

⁶ Cf. Andrade (2006, p. 349).



substância em que a língua se manifesta é indiferente⁷. Assim, entendemos que Saussure não exclui a escrita de suas reflexões sobre a linguística, mas a entende como fazendo parte de sua matéria e não de seu objeto.

Dizendo de outro modo, apesar de encontrarmos amplamente na literatura informações de que a consciência fonológica é um dos pré-requisitos principais para a aprendizagem de leitura e escrita de línguas orais, sabe-se que as crianças surdas aprendem a ler e escrever o português, mesmo sem ter acesso direto à substância sonora dessa língua, o que traz uma série de questionamentos sobre como se dá esse processo tanto nessa população, quanto na população de ouvintes.

Com base nessas proposições, assumimos a desvinculação da fala (som) do processo de aquisição da escrita, defendendo que ausência do som não impede o domínio da língua escrita, muito embora haja uma relação entre esses dois funcionamentos da língua, enquanto sistemas linguísticos.

Queremos dizer, então, que não há de fato uma representação grafema/fonema, mas que essas duas modalidades da língua apresentam um sistema e um funcionamento que lhe são próprios, apresentando-se como materializações diferentes da língua, que, sendo uma forma, faz com que essas materializações recebam valores internamente aos sistemas do qual fazem parte.

Não pretendemos desde já apresentar um conceito fixo para a escrita, como poderia parecer mais coerente, de modo que pudesse determinar o que de fato faz parte desse domínio. Seguimos, no entanto, os passos de Bosco (2005) afirmando que essa é uma tarefa que implicaria passar por diversos campos do saber, tamanha a complexidade que abarca esse tema. Esperamos, contudo, deixar clara a concepção de escrita que adotamos neste trabalho. Fundamentando-nos, epistemologicamente, no Interacionismo linguístico como preconizado por De Lemos (1992 e seguintes) e sugerimos tratar, assim como Bosco (2010), o fato de escrita,

dando ênfase a um funcionamento próprio deste domínio, o que [...] significa, de imediato, atentar para a sua dimensão visual, seu caráter de imagem, buscando observar o jogo das formas gráficas; formas estas que, primeiramente, *atingem o sujeito pelos olhos e não pelos ouvidos* (Bosco, 2010, p. 119, itálicos nossos).

⁷ Isso se evidencia, por exemplo, quando se pensa no sujeito surdo que, mesmo sem ter contato direto com a substância oral da língua, consegue entrar no funcionamento escrita, sem necessariamente passar pela oralidade.



Esse “jogo das formas gráficas” do qual trata Bosco, nos permite retirar a escrita do lugar de representação e colocá-la numa teoria específica da linguagem, já que, como afirmam Chiss e Puech (1996), uma teoria da escrita deve ser entendida necessariamente como uma teoria da linguagem.

Abaurre (2002), em uma comunicação publicada, interessa-se em discutir a relação estabelecida pelas crianças sobre a possível representação da fala pela escrita. A autora questiona a afirmação de que a criança escreve como fala e se pergunta até onde essa assunção pode ser válida. Para responder tal pergunta, a autora recorre ao vasto material que tem colhido para suas pesquisas e destaca, ao analisar esses dados, que essa assunção é “ingênua” e “equivocada”. Assim, afirma:

Nas centenas de textos já examinados, nunca nos deparamos com um caso se quer que pudesse ser considerado como uma mera tentativa de transcrição da fala. A tarefa que aguarda o aprendiz de escrita é bem mais complexa do que “escrever a fala” (Abaurre 2002, p. 126).

Das palavras da autora, podemos concluir que a escrita possui um funcionamento próprio, baseado no *Jogo das formas escritas* que são signos e estabelecem valores linguísticos próprios ao sistema da escrita, das formas gráficas, que capturam o sujeito quando esse está imerso em discursos escritos, quando está em contato com portadores de texto. Assim, como acontece em qualquer instância de linguagem, o sistema da escrita constitui seu valor no jogo das relações entre seus elementos ao se deixarem determinar pelas cadeias manifestas e latentes⁸, ultrapassando, dessa forma, a dicotomia oralidade/escrita e abarcando uma dimensão que é exclusivamente própria da escrita⁹ como uma instância simbólica de linguagem, assim como a oralidade.

Para finalizar este tópico, trazemos mais uma vez as palavras de Bosco (2005, p. 110) quando afirma que “deve-se recusar a definição de escrita como ‘figuração’, ‘representação’ da fala, uma vez que nem o fonema nem o grafema possuem em si uma essência, e, por isso, não se definem como positividade”. Enquanto signos, assim como a forma sonora da língua, a forma gráfica se caracteriza por sua relação com outras formas gráficas, num jogo significativo de relações no interior do sistema linguístico da escrita.

Dissemos anteriormente não termos a intenção de apresentar um conceito fixo de

⁸ Cf. Bosco (2005)

⁹ Não se está afirmando aqui não haver uma relação entre a oralidade e a escrita, ao contrário. No entanto, assume-se que essa relação não é a de mera representação ou biunívoca.



“escrita”. Contudo, gostaríamos de assinalar nossa filiação ao pensamento de Oliveira (2019, p.146) quando este afirma que:

a faculdade da linguagem é exercida por meio da língua enquanto sistema de signos que, por ter uma natureza convencional, pode assumir distintas materialidades (fônica, gráfica ou gestual), conforme o corpo social que o adota – *sob esse ponto de vista, a escrita pode ser concebida como um sistema de signos linguísticos* (p. 146, grifos do autor).

Não queremos adentrar o campo conceitual do que vem a ser a “faculdade da linguagem” na teorização saussuriana. Queremos destacar da citação de Oliveira o fato de este autor muito perspicazmente assumir o fato de escrita como “um sistema de signos linguístico”, do qual se pode dizer que a forma que subjaz a esse sistema assume no caso da escrita, a materialização gráfica.

2. Considerações Sobre a Escrita e Seu Jogo Significante

Como afirmam Lier-De-Vitto & Andrade (2008, p. 57), “fazer menção ao jogo significativo é trazer à tona Saussure e a fundação da Linguística como ciência moderna”. Neste ponto do trabalho, queremos chamar também a Saussure (2003 [1916]) mais uma vez, com seu *Curso de Linguística Geral* não na condição de fundador da Linguística Moderna, ou seja, da Linguística como ciência, mas como um homem de síntese que foi capaz de mudar os rumos dos estudos linguísticos a partir de uma teorização capaz de operar um corte epistemológico importante.

Como há muito vem sendo dito, para que se considerasse a Linguística como ciência, era necessário que se concebesse com clareza o seu objeto de estudo. É justamente o que propõe Saussure ao fazer o recorte e eleger a *língua* como objeto primordial dos estudos da ciência linguística, separando, assim, a língua da linguagem. Saussure, dentre outras coisas, estabelece a separação entre língua e fala e define a primeira como sendo objeto concreto da Linguística. Sendo assim:

Saussure rompe a longa tradição de estudos linguísticos que, embora voltada para os fatos de língua (*faits de langue*), não chegou a instituir um objeto científico. Ele estabelece o primado do teórico ao criar a Língua e produz uma descontinuidade no campo, reconhecida como *la*



coupure saussurienne (o corte saussuriano) (Lier-de-Vitto e Andrade, 2008, p. 58).

A partir desse objeto posto, as línguas deixam de ser realidades passíveis de serem apreendidas pela observação e/ou percepção. Ainda segundo as autoras, Saussure estabelece uma perspectiva não indutivista, implementando outra visão, de cunho dedutivista nos campos de estudos linguísticos na qual não será no objeto dado que se buscará o que há de geral na linguagem.

Conforme De Lemos, Lier-DeVitto, Andrade & Silveira (2004), Saussure desconfiou do caráter positivo das unidades elementares dadas e procurou explicar a determinação dessas unidades enquanto “efeito de relações numa cadeia concreta de significantes”. Resumidamente, podemos afirmar que inicialmente a ciência da linguagem nasce do distanciamento de métodos indutivos e de sua crença no poder da observação.

As unidades em Saussure são efeitos da relação do *jogo significante*, daquilo que não é visível ou perceptível diretamente, apesar de se constituírem de unidades concretas. É o que observa Saussure (2003 [1916], p. 124), ao dizer que “a língua apresenta este caráter estranho e surpreendente de não oferecer unidades perceptíveis à primeira vista”.

Se num primeiro momento, pode-se entender Saussure como exclusivamente representacionista e, como afirma Faria (1997), apesar de a teorização sobre o signo linguístico ter sido sobreposta à teorização sobre o valor na teoria saussuriana, defendemos com Faria (1997), citando por sua vez Derrida, que “é preciso opor Saussure a si mesmo”, sobretudo a partir da teorização sobre o valor, teorização essa que aponta para o reconhecimento de que a letra e o fonema não possuem uma essência, sendo seu valor puramente negativo e diferencial.

Dessa forma, o que liga um ao outro não diz respeito à positividade de suas propriedades, pelo simples fato de que elas não existem, não sendo possível representá-los em si próprios ou representar um pelo outro. Podemos então afirmar, como insiste Saussure em dizer, que as unidades são categorias concretas, embora não transparentes que não se definem em sua essência, mas que têm justamente como característica ser aquilo que as outras não são.

A solução proposta por Saussure (2003 [1916]) para responder ao problema da delimitação das unidades é justamente aquilo que compõe sua maior novidade e um ponto nevrálgico para este trabalho: *a Teoria do Valor*. Saussure (2003 [1916], p.132) afirma



a ideia de valor nos mostra que é *uma grande ilusão* considerar um termo simplesmente como a união de certo som com certo sentido. Defini-lo assim seria isolá-lo do sistema do qual faz parte; seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema fazendo a soma deles.

Por isso, se pudermos ser mais radicais, assumiremos com Cunha (2008) e com Silva Filho (2018) que Saussure, ao tratar do signo linguístico, não estava exatamente teorizando sobre ele, mas sobre a noção de valor, que só abstratamente pode ser lido no primitivo teórico do signo. Por isso,

a ideia de valor nos mostra que é uma grande ilusão considerar um termo simplesmente como a união de certo som com certo sentido. Defini-lo assim seria isolá-lo do sistema do qual faz parte [...] Mas, o que é o valor? Partamos do seguinte: valor é efeito. Na sequência, deve-se interrogar: efeito de quê? De relações e diferenças estabelecidas entre elementos na cadeia linguística concreta. Migramos, assim, para um raciocínio conduzido pelo primado da diferença e de operações (Lierde-Vitto e Andrade, 2008, p. 60).

Dado que a delimitação das unidades se faz através da relação de valor, Saussure (2003 [1916]) afirma que as relações e diferenças dentro do sistema linguístico se dão a partir de duas esferas distintas, mas que se complementam, a saber, uma *em praesentia*, denominada de sintagmática, e outra *em absentia*, chamada de associativa, mais tarde também conhecida pelo termo paradigmática, e que Cláudia Lemos, a partir de uma releitura que Lacan faz de Saussure e Jakobson, chamou de processos metonímicos e metafóricos.

A noção de valor nos remete diretamente às noções de diferença, negatividade e relação entre os elementos. Tanto no *Curso* quanto nos *Escritos de Linguística Geral* (ELG), Saussure é enfático ao dizer que um conceito sem sua contraparte material, assim como um som sem sua parte conceitual, não constitui um signo linguístico, pois nem é o som nem a ideia em si que importam, mas as diferenças fônicas e/ou gráficas que estão em jogo no sistema da língua.

Estendendo este entendimento para a escrita, podemos depreender na noção de valor, um lugar para a escrita em Saussure. Assumimos com Endruweit (2008) que não são as letras que importam, mas a relação, já que o valor linguístico independe da materialidade com a qual a língua pode se exteriorizar, pois no sistema só há relação, não há lugar para entidades positivas. É isso que leva Cunha (2008) a afirmar que o falante não reconhece a entidade A ou B, mas a relação que há no sistema entre as formas A e B, ou seja, a relação A/B.



É o que vemos nas citações de Saussure no CLG às páginas 138 e 139, de onde é possível, atendendo à solicitação de Derrida, opor o mestre genebrino a ele mesmo:

Como se comprova existir idêntico estado de coisas nesse outro *sistema de signos que é a escrita*, nós o tomaremos como termo de comparação para esclarecer toda a questão. De fato: 1º os signos da escrita são arbitrários; nenhuma relação existe entre a letra *t* e o som que ela designa; 2º o valor das letras é puramente negativo e diferencial; a mesma pessoa pode escrever *t* com variantes [...] A única coisa essencial é que este *signo* não se confunda em sua escrita, com o do *l* do *d* etc. (Saussure, 2003, pp 138-139).

Levando tudo que foi dito até agora para o campo da aquisição da escrita, segundo Mota (1995), na hipótese da representação, a linguagem não pode ser entendida como um sistema e a suas partes - fonema, sílaba, letra - é atribuído um caráter de positividade, de identidade. Afirma a autora, sobre a hipótese da representação que nessa:

Não é reconhecida a sua natureza [da escrita] negativa e relacional que só permitem que se atualizem, isto é, que assumam um valor no jogo do funcionamento da língua. Ou, em outras palavras, para retomar aqui a expressão de Derrida, na cadência do movimento da diferença, cujos efeitos ultrapassam a instância de cada unidade, determinando o seu valor (Mota, 1995, p. 98).

Observando também os dados de Bosco (2005) sobre os escritos infantis, percebemos que estes dão visibilidade ao fato de por meio deles não cabe uma análise pautada na essência, na positividade. É possível depreendermos que cada elemento constituinte da cadeia grafada não tem um valor dado anteriormente, mas como diz Bosco (2005, p. p.121) “o adquire como efeito da montagem textual, que coloca em cena, na leitura, cadeias manifestas e cadeias latentes”, a partir da relação entre essas cadeias dentro do jogo simbólico do sistema em que se pode atribuir valor de texto, de instância de língua, de funcionamento.

A Teoria do Valor é aqui retomada justamente para trazer à tona aquilo que Bosco (2005) chamou de *privilégio do significante no sistema de diferenças*, ou seja, a língua na qual os significantes funcionam em relação com outros significantes e cada significado nasce do efeito dessas relações, como elucubra De Lemos (1992), relações entre as já citadas cadeias manifestas e cadeias latentes, relações sintagmáticas e associativas que geram valores também no sistema gráfico da escrita.



A abordagem que vimos fazendo até agora sobre o sistema da escrita coloca então em suspensão a positividade das unidades linguísticas e posta em xeque pelo próprio Saussure através da Teoria do Valor, de onde rejeitamos de forma categórica a noção de escrita como representação *pari passu* da oralidade, como se fosse possível encontrar nessas duas materialidades da língua uma positividade capaz de torná-las “representáveis” uma pela outra. Resumidamente, podemos dizer que o sistema da língua ou os elementos que compõem esse sistema não são caracterizados por suas qualidades próprias ou positivas, mas pelo fato de não se confundirem entre si. Isso parece refletir, no funcionamento da língua, o jogo

da representação na qual a relação e a diferença atuam como primitivos, o valor simbólico de um significante perde seu estatuto de significado anterior, obtendo na sua relação com outro significado anterior, obtendo-se na sua relação com outro significante, seja ele oral ou escrito. (Faria, 1997, p. 110).

Como afirma Saussure nos *Escritos de Linguística Geral* (2004 [2002]), quando se coloca em xeque a relação entre as unidades linguísticas, não se trata de entender essa relação como sendo apenas do significante com o significado, mas como sendo uma relação entre significantes com outros significantes e significados com outros significados. E ainda “a unidade linguística remete a um funcionamento que ao engendrar relações do tipo parte-todo, cria lugares estruturais ocupados pelo que, como fruto dessas relações, se constitui em unidades”. (ELG, 2004, p. 133); unidades essas que só adquirem seu valor no jogo dos significantes. A partir dessa leitura feita de Saussure, resta-nos afirmar que aqui não há lugar para um sujeito epistêmico, dado que esse entendemos ser o sujeito capturado pela linguagem. Trataremos disso com mais detalhes adiante.

3. Das Escritas Infantis

Mota (1995), em sua tese de doutorado, toma como ponto central a aquisição da escrita. Chamamos neste momento a autora para delinear o quadro teórico que assumimos e que estamos explicitando mesmo que de forma indireta, a saber, o Interacionismo, teorização inaugurada por Cláudia de Lemos 1992, 1998, 2002, 2006 principalmente.

Em seu trabalho, Mota afirma que o quadro teórico desenvolvido por Cláudia de Lemos, dentre outras coisas, tem o mérito de se situar em lugar que aparece como alternativa, dentro dos estudos em aquisição da linguagem, aos estudos da Psicolinguística e ao mesmo



tempo por caracterizar um retorno ao estruturalismo europeu ressignificado pela Psicanálise de linha francesa.¹⁰

Isso se justifica pelo fato de essa teoria conceber a relação do sujeito com a língua de tal forma que aquele é considerado totalmente impedido de “controlar” sua entrada na linguagem. Ao contrário, o sujeito aparece como sendo afetado pela língua, como efeito da língua.

É nesse sentido que afirmamos que, sendo a escrita um sistema linguístico, apresentando como característica primordial o valor, a diferença e a relação de seus elementos internamente ao seu sistema, não podemos considerar a entrada do sujeito na escrita como sendo controlada conscientemente por ele mesmo, mas a partir da noção de captura, já que quando inserido em contextos de “escrita” da mesma forma que acontece com a fala, esse sujeito entra no mundo das formas gráficas.

O Interacionismo, apoiado nesses argumentos, aproxima-se da hipótese do inconsciente e explora a noção de que a criança é capturada pela linguagem, como propôs Lacan, depois de Freud. Nesta proposta não há lugar para um sujeito epistêmico e isso porque operações da Língua são implicadas na estruturação da linguagem e do sujeito. Pode-se entender o alcance do termo captura no Interacionismo: não se supõe à criança nem saber, nem capacidade perceptual ou cognitiva prévios, que governem seu acesso à linguagem. Assim, nem indivíduo da espécie (do inatismo), nem sujeito psicológico (Lier-de-Vitto e Andrade, 2008, p. 61).

De acordo com essa perspectiva teórica, a relação entre a oralidade e a escrita não está pautada na representação direta desta por aquela. Na medida em que a escrita estabelece uma relação com a oralidade, de igual modo, não a representa, visto que o fonema e o grafema não possuem em si mesmo uma essência e não podem ser tomados como entidades dotadas de positivities.

Essa afirmação também encontra respaldo em Saussure (2003 [1916]) em seu célebre axioma “a língua é forma e não substância”. Dessa forma, não se pode afirmar que a escrita representa a oralidade, pois tanto o grafema quanto o fonema são instâncias de linguagem que só adquirem valor linguístico quando postos em relação de oposição dentro do sistema da língua, ou seja, são substâncias¹¹ que se instanciam em forma linguística quando postas em

¹⁰ Por motivo de espaço e de objetivo não nos deteremos sobre este aspecto. Para maiores detalhes sobre esse tema, cf. Mota (1995).

¹¹ Estamos usando, em muitos momentos do texto, o termo “substância” para nos referirmos às materialidades oral e escrita da língua. Contudo, o termo “substância” deve ser entendido, a partir do recorte teórico-metodológico aqui



relação, pois é essa relação que chega à consciência do sujeito falante, e não a materialidade em que a forma da língua se manifesta¹².

Assim, como afirma Faria (1997b, p. 43), “a passagem do texto oral para a forma escrita pressupõe um desfazer-se do texto para, em outro lugar, com outra forma e a partir de uma estrutura e de um funcionamento diferentes, fazer-se texto novamente.”

Na segunda seção, trouxemos para nossos questionamentos a Teoria do Valor de Saussure e a partir dessa teoria podemos reclamar um lugar para escrita no CLG que não seja o lugar de representação que salta aos olhos de início, por considerarmos que não cabe abordar essas questões sem levar em conta esse ponto.

Se de início, devido à filiação de Saussure à tradição filosófica clássica, assim como a necessidade de formalizar a ciência linguística a partir de um objeto homogêneo, Saussure cedeu ao conceito de escrita como representação, como uma “fotografia” do significante primeiro, ou seja, a fala, ele mesmo, Saussure, ao tratar do valor linguístico, inverteu a argumentação nos possibilitando uma releitura da noção de escrita no *Curso*, segundo nossa interpretação.

Derrida (1975) é outro autor que vem da filosofia para também tratar de questões sobre a escrita. O autor afirma que o estatuto do signo em Saussure é linguístico e que por isso se apresenta para outro signo não representando uma ideia ou coisa¹³, em outras palavras, como ressalta Milner (2003 [2002]) há entre os signos uma relação de associação e não de representação. É sob esse prisma que passamos agora a apresentar alguns dados de escrita infantil para descrever a forma como estamos entendendo a escrita como um sistema linguístico.

O dado que se segue foi abordado por Lier-De-Vitto e Andrade (2008). Trata-se de um episódio acontecido durante terapias fonoaudiológicas. Um menino de sete anos apresenta uma escrita fixa, cristalizada, que fica restrita ao próprio nome e a algumas “palavras” retiradas de temas e personagens de videogames. As autoras afirmam que sua produção, inicialmente, não apresentava um valor de “escrita”, oferecendo características de desenho, “de imagens sem mobilidade significante, espalhadas aleatoriamente sobre o papel” (Lier-de-Vitto e Andrade, 2008, p. 64). Segundos as autoras, a produção que se segue demonstra haver uma mudança na escrita dessa criança.

estabelecido, como correspondente à forma linguística, pois tanto os signos orais quanto os signos escritos são tomados aqui a partir do sistema do qual fazem parte, por meio da oposição interna ao seu respectivo sistema.

¹³ Cf.: Derrida, em sua Gramatologia (1975, p. 55).



Figura 1- Segmento 1 de Lier-de-Vitto e Andrade

NINTENDO
S
LUIZ MARIO

Fonte: Lier-De-Vitto e Andrade (2008, p. 64)

De acordo com Lier-De-Vitto e Andrade, aqui, pela primeira vez, pode-se perceber uma descristalização na escrita dessa criança. Vejamos através da descrição apresentada pelas autoras como isso pode ser percebido:

A criança começa a escrever “Nintendo”. Antes de terminar, a terapeuta lê, na escrita ainda incompleta, “Nintendo”. A criança fala “Nintendos” e, pela primeira vez, acrescenta mais um “o” ao final do segmento. A terapeuta, surpresa, repete: “Nintendos?!” e o menino acrescenta um “s” sob “Nintendo” (não havia espaço disponível no papel para que o “s” fosse acrescentado na sequência do segmento “Nintendoo”). Logo em seguida e em “outra linha”, escreve a primeira parte de seu nome (“Luiz”) e, em seguida, “Mário” (personagem de jogo eletrônico). Cabe esclarecer que até esse momento ambos os nomes eram escritos em sua forma composta: “Luiz X” e “Mário Bros”. (Lier-de-Vitto e Andrade, 2008, p. 64).

49

Através dos acréscimos à palavra “Nitendo” e das segmentações dos nomes que foram sendo desmembrados, parece evidente como o funcionamento da linguagem está capturando, de forma singular, esse sujeito. O contato da criança com os jogos de videogame em que comparece regularmente a escrita da palavra “Nitendo” se apresenta com um dado capaz de fazer a criança adentrar na escrita. A criança elabora uma argumentação metalinguística ao corrigir a terapeuta em relação ao plural da palavra representado primeiramente pelo acréscimo de mais uma vogal “o” e em seguida pelo morfema de plural “s”, ou seja, a escrita não é mais cristalizada, mas apresenta movimento de refacção de texto, inclusive pela mistura de seu próprio nome com o nome do personagem do jogo.

Observemos a próxima figura 2:

**Figura 2- Segmento 2 de Lier-de-Vitto e Andrade**

MARIOO7
LUIZMAZE

Fonte: Fonte: Lier-De-Vitto e Andrade (2008, p. 65)

Trazemos, agora, as palavras das autoras, dispensando, assim, qualquer comentário anterior:

A criança escreve “MARIOO”. Depois de um curto intervalo, volta para o papel e acrescenta “7” – esse acréscimo cria embaraço à interpretação, torna o segmento equívoco: estariam grafados dois “os” ou dois “zeros”? É fato que podemos apreender um deslizamento metonímico dos dois “o” de “Nintendoo” para “MARIOO”, mas a criança acrescenta “7” - outro significante emerge dessa composição amalgamada (“MARIOO7”). Poderíamos pensar que “007” estava antecipado como possibilidade (*in absentia*) sob Nintendoo”? É fato que a duplicação da letra “o” (?) / do número “0” (?), relacionada ao “S” (escrito e falado pela criança no segmento 1), levam numa direção que favorece sua interpretação como marcação de número. Aliás, como a leitura da criança virá a confirmar: ela lerá “zero”. Após escrever “MARIOO7”, o menino escreve “Luiz” e começa a traçar “Mário”. Ela para em “Ma” e lê pausadamente a linha superior, como se fosse copiá-la: “Zé – RO ...Zé” e interrompe: diz “Zé! Minino!” e escreve “Zé”. O resultado é “LUIZMAZE” (Lier-de-Vitto e Andrade, 2008, p. 66).

50

Muito se tem para falar sobre esse dado, que de tão questionador serviria de base para que todo este artigo pudesse ser escrito. No entanto, queremos aqui ressaltar, correndo o risco de cair em uma análise reducionista, alguns acontecimentos. O primeiro diz respeito ao fato de que a escrita dessa criança, ao contrário de suas primeiras produções como sinaliza as autoras, já nos deixa ver como o funcionamento da língua em suas relações aparece nessa escrita.

A criança escreve e depois volta a sua escrita porque vê nessa algo que lhe toca, e ao ressignificar sua escrita acrescentando um 7 no final da palavra “marioo” que, por sua vez, causa um enigma à terapeuta, um questionamento. Do cruzamento de dois significantes, Marioo e 7 surge um outro significante, Marioo7, que por sua vez pode, pelos eixos de

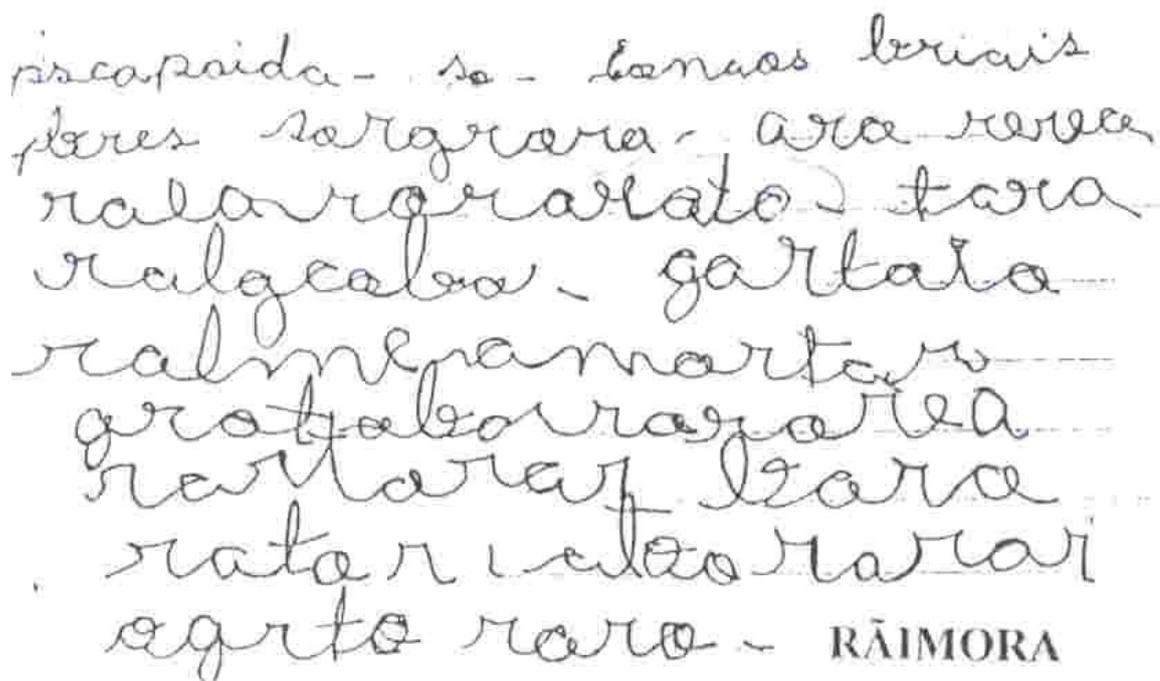


funcionamento da língua, sintagmático e associativo, nas palavras de Saussure ou ainda, metafórico e metonímico, trazer à tona outros significantes.

Vemos aqui que tudo que se faz com a língua, se faz porque a própria língua o permite, enquanto jogo simbólico, jogo de significantes que, ao se relacionarem com outros significantes, convocam por sua vez outros significantes em uma rede de relações, relações estabelecidas pelo funcionamento do sistema linguístico.

Observemos agora uma produção escrita de uma criança retirado do trabalho de Mota (1995):

Figura 3 - Figura 6 de Mota



Fonte: MOTA, 2008, p. 156.

Se atentarmos para essa produção com mais cuidado, veremos vestígios daquilo que chamamos de jogo simbólico do sistema gráfico, ou seja, letras que mesmo não formando palavras da língua constituída, seguem uma sistematicidade.

Para aqueles que analisam essa escrita visando a encontrar palavras “fonetizadas”, ou seja, que entendem a escrita fonética como imagem da fala, buscando prova empírica de que essa criança já está se alfabetizando, essa sistematicidade talvez não lhe salte aos olhos, não cause nenhum tipo de estranhamento, já que é vista como uma *pré-escrita*, como natural nesse estágio de desenvolvimento de um sujeito cognitivo, epistêmico.

Ao contrário, para aqueles que olham para essa escrita buscando enxergar o jogo e o funcionamento da linguagem, é totalmente possível ver uma relação de estruturas complexas.



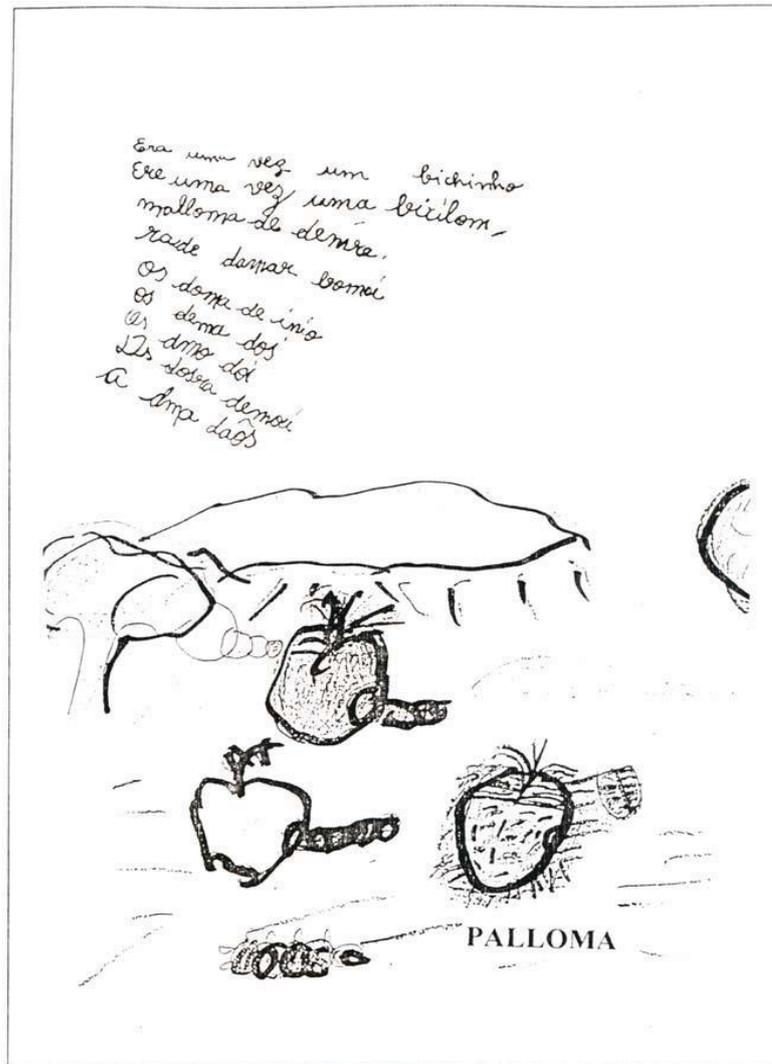
As letras se organizam de tal forma que nos parecem “sintagmas” e “palavras” separadas por espaços em branco, como pede o funcionamento que é próprio da escrita, ou seja, exemplificando o princípio da linearidade do signo escrito.

Segundo Mota (2006), essas unidades já nos deixam perceber uma organização, pois apesar de não poderem ser enquadradas em classificações ou categorias, remetem-nos ao que diz Saussure sobre o funcionamento da língua em relação aos eixos sintagmáticos e paradigmáticos, ou seja, às leis gerais da linguagem.

Nas palavras de Mota,

Consideramos essa escrita e as unidades que a compõem como significantes, feixes de relações. Recusamos, portanto, que tais unidades articuladas possam ser vistas como elementos positivos e categorizáveis, pois elas emergem sob o efeito da relação entre múltiplas impressões advindas de textos (o objeto do conhecimento) e dos feixes de representação já inscritos na memória, também da ordem da cadeia significante. Entre essas duas heterogeneidades (impressões e feixes), a relação é de encontro e não de representação, no sentido psicológico do termo (Mota, 2006, p. 151).

Figura 4 – Figura 2 de Mota



Fonte: MOTA, 2008, p. 153.

Mota (2008) destaca que o modo como as palavras vão sendo escritas pela criança se assemelha muito de perto à maneira como os adultos escrevem palavras da língua constituída. Letras aparecem, somem, retornam, mudam de lugar. É assim que entra em cena o jogo dos significantes, que movimentam cadeias manifestas, mas que podem trazer à superfície cadeias latentes. O jogo do funcionamento da língua aparece na escrita, porque, assim como a língua, a escrita é um sistema de signos, um sistema semiológico em que comparece “o jogo simbólico nesse processo de comparecimento e relação” (Mota, 2008, p. 152).

Considerações finais

A partir das considerações apontadas neste artigo e das resenhas das autoras citadas, procuramos delinear uma perspectiva teórica que visa a estabelecer um ponto de vista diferente da daquele que toma a escrita como representação gráfica da oralidade,



desnaturalizando a visão estritamente representacionista da escrita no CLG de Saussure.

Assumimos, dessa forma, uma concepção sobre a relação sujeito/língua(gem) diferente daquela que toma o sujeito como corpo orgânico origem da linguagem, para assinalar a relação de captura desse sujeito pela linguagem, numa perspectiva interacionista da linguagem em geral e da aquisição da escrita mais especificamente. Procuramos, com isso, delinear outro espaço para a escrita em Saussure para além daquela que inicialmente pode se apreender no CLG.

Nesse percurso, enfatizamos a problemática da escrita, em especial, como essa noção aparece inicialmente em Saussure no CLG com vistas a argumentar em favor de encontrar neste mesmo autor um lugar para a escrita distante da concepção representacional, fazendo um deslocamento em relação à sua aquisição da escrita.

Trouxemos a discussão sobre a noção de “jogo significante”, a partir de Lier-De-Vitto e Andrade (2008) e da Teoria do valor de Saussure, teoria essa ressignificada ainda pela teorização de Cláudia de Lemos, a partir da qual insistimos em um conceito de linguagem pautado nas relações entre signos, significantes, e não na essência ou positividade, conceito esse discutido a partir de dados de escritas infantis coletados de importantes trabalhos na área de aquisição da escrita numa perspectiva interacionista da linguagem.

É a concepção interacionista da linguagem que, de certa forma, ajuda-nos a tentar entender a relação sujeito-linguagem nos mais variados aspectos. A escrita do sujeito surdo, por exemplo, privado da audição e do contato com a materialidade sonora da língua, também coloca questões que podem ser analisadas sob essa perspectiva. Contudo, esse é um assunto que demanda muito mais do que pode ser falado nas considerações finais de um artigo.

Nosso objetivo ao trazer os dados das referidas autoras para este texto foi tão somente assinalar, ainda que de forma inicial, nossa filiação à perspectiva interacionista da aquisição da escrita, a partir de uma concepção de escrita diferente daquela que a considera como representação da materialidade sonora da língua; quisemos também retomar esses trabalhos com vistas a incitar a possibilidade de um retorno a novas pesquisas sobre a temática. Reconhecemos, pois, que o trabalho aqui realizado em relação a esses dados é muito mais descritivo que analítico.

Gostaríamos ainda de finalizar este texto traçando algumas considerações no que toca à questão central por nós discutida, a saber, o valor linguístico. Destacamos, a partir de Saussure (2003 [1916]) que o valor linguístico se aplica a todos as instâncias de linguagem, ou seja, a todos os elementos da língua, sejam fonéticos, que capturam os sujeitos pelos ouvidos,



sejam gráficos, que capturam os sujeitos pelos olhos, assim como os sistemas linguísticos gesto-visuais, como no caso das línguas de sinais.

Sendo assim, o som, as letras, os sinais estão alicerçados no caráter relativo e diferencial inerente ao sistema da língua pela noção de valor. A escrita, assim, possui um sistema de relações que lhe é próprio, um jogo significativo que coloca em xeque a naturalidade do som como significante natural e primeiro.

Dessa forma, ao anunciar a Semiologia - a ciência que estuda a vida dos signos - Saussure afirma que a língua é um sistema semiológico comparado a outros sistemas como a escrita, o alfabeto dos surdos-mudos etc. A escrita aqui comparece como comparada à própria língua que tem como característica essencial a arbitrariedade dos signos que compõem seu sistema. Nesse sentido, não se pode atribuir à escrita um lugar de representação da fala, mesmo no CLG.

Por isso Derrida (1973) nos ensina que é preciso opor Saussure a ele mesmo, e entender a escrita como um sistema de signos que apresenta inclusive os dois princípios fundamentais: a arbitrariedade e a linearidade, de modo que, de forma categórica, concluímos: a escrita apresenta um sistema e um funcionamento que lhe são próprios e não pode ser entendida simplesmente como representação de outro significante da língua, mas como um sistema semiótico capaz de capturar o sujeito falante/escrivente, como bem demonstram os dados e as análises das autoras aqui referidas.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. **Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto**. Campinas-SP. Associação de Leitura do Brasil (ALB): Mercado de Letras, 1997.

ABAURRE, M. B. M. Os estudos linguísticos e a aquisição da escrita. In: **O método e o dado no estudo da linguagem**. Maria Fausta Pereira de Castro (org.) Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

ABAURRE, M. B. M. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito?. In: **A concepção da escrita pela criança**. M. Kato (org.). Campinas: Pontes, 1988.

BORGES, S. X. A. A aquisição da escrita como processo linguístico. In: **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**/ Maria Francisca Lier-De-Vito & Lúcia Arantes (orgs.) - São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006.

BORGES, S. **O quebra-cabeça: A alfabetização depois de Lacan**. Goiânia, GO: Editora Universidade Católica de Goiás, 2006.

BOSCO, Z. **No jogo dos significantes, a infância da letra**. Campinas: Pontes/FAPESP,



1999/2002.

BOSCO, Z. **“A errância da letra: o nome próprio na escrita da criança”**. Campinas: Editora Pontes/ FAPESP, 2010.

CHISS, J-L; PUECH, C. O Cours de linguistique générale e a representação da língua pela escrita. In: CATACH, Nina (Org.). **Para uma teoria da língua escrita**. São Paulo: Ática, 1996, p. 43-52.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

De LEMOS C. **Aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original**. *Boletim da Abralín*, 3. Recife: Editora Universitária da Universidade Estadual de Pernambuco, 1982.

De LEMOS C. Los procesos metafórico y metonímico como mecanismos de cambio. **Substratum**, vol 1, n 1(121:135), 1992.

DE LEMOS, C.T.G., LIER-DE VITTO, M. F. ANDRADE, L. e SILVEIRA, E.M. Le saussurism en Amérique Latine aux XX siècle. **Cahiers Ferdinand de Saussure: Revue Suisse de Linguistique Générale**, 56, 2004, 165-176.

ENDRUWEIt, M. A teoria do valor e a escrita. In: **Letras & Letras** (UFU). V. 25, p. 105-144, 2009.

FARIA. N.B.R. **Nas letras das canções: a relação oralidade-escrita**. Maceió: EDUFAL; Recife: EDUFPE, 1997

FARIA. N.B.R. A letra sob as palavras da letra. In: **Leitura - A criança e o texto**, nº 20: 41-56, (1997).

JAKOBSON, R. **Linguagem e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1989.

LEMOS, M. T. **A língua que me falta: Uma análise dos estudos de aquisição de linguagem**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

LIER-DEVITTO, M. F. **Os monólogos da criança: Delírios da língua**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 1998.

LIER-DEVITTO, M. F. Patologias da linguagem: sobre as “*vicissitudes de falas sintomáticas*”. In M. F. Lier-DeVitto e L. Arantes (Orgs.), **Aquisição, patologias e clínica de linguagem** (pp.183-200). São Paulo: EDUCPUCSP, 2006.

LIER-DEVITTO, M. F. e ANDRADE, L. Considerações sobre a interpretação de escritas sintomáticas de crianças. **Revista Estilos da clínica**, Vol.XIII, nº24, 54-71, 2008.

MILNER, J. C. **El periplo estructural: figuras y paradigma**. Amorrortur/Editores, Buenos Aires, 2003 [2002].

MOTA, S. **O quebra-cabeça: a instância da letra na aquisição da escrita**. Tese de Doutorado. Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.

MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001

NEUMANN. D.; ANJOS. A. G. Dos limites da redução do pensamento saussuriano ao movimento estruturalista. In. Novo Retorno a Saussure. **Leitura**, Maceió, v.1, n. 62, jan/jun., p. 330-332, 2019.



OLIVEIRA, G. F. O lugar da escrita na reflexão saussuriana sobre o objeto da Linguística. Revista **Leitura**, Maceió, v. 1, nº 62, jan./jun, 2019

RODRIGUES, N. **Saussure: uma revolução na linguística**. Tese de Doutorado. FFLCH/USP, 1975.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad.: Antonio Chelini, J. Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo/SP: Cultrix. 2003 [1916].

SAUSSURE, F. **Escritos de linguística geral**. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix. 2002.

SILVA FILHO, J. T. da. **Linearização e hierarquia: retomando o paradoxo posicional a partir do programa minimalista**. 2018. 146 f. Tese (doutorado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2018.